cantigas de mar chão (ou, nada não)

© 2026 by Luan Michetti is licensed under CC BY 4.0.

For a few pennies now and a
Doctoral degree later,
Tell us about
Your people
Your history
Your mind.
Your mind.
Your mind.
Tell us
Boy
How
We can make you
Weak
Weaker than you've already
Been.

Ama Ata Aidoo, *Our Sister Killjoy*

Câncer sub-reptício, tempo que arde.
Remorso vegetal de minha vida.
Semente da manhã que se faz tarde.
Árvore do que sou, não florescida.

Sebastião Uchoa Leite, *Dez sonetos sem matéria* 5.5-8

SUMÁRIO:

agradecimentos e promissórias

PARTE I - rosários discursivos e terços completos de líricas sentimentais e mortes de cachorro
no-borso mais que Barsa
tentei imitar, chorando, o brilho baço do seu microdermal
segunda, quarta e sexta
camisa da seleção
paixão proletária e questão trabalhista
fauna, flora e funga do Brasil
pornochanchada
quebra de sigilo
écloga do agrear de São Paulo
polução noturna
carne-do-dia
mata o pau
tardo-antigo
da Síria e da Líbia
máquina de fazer horário
o mais inoculável dos incunábulos
rixa amoris
a décima terceira, da esquerda pra direita, viúva do Chorão

PARTE II - notas-de-aula quanto à temática das putas do cais
poeta
vulgaridade da amargura
prestigiação
Barrabás Barrasbambas (ou currículo de dores)
não senão uma jarda de linho
bujão de gás seco
na certeza de sair do certame
um beijo à nova crítica
sem-fim encanto do campo elétrico contínuo
Org. Prof. Dr.
artium et litteraturæ baccalaureus
a ver videiras (ouvindo jazz, suponho)
Cupressus sempervirens
ludere causa ludendi
as apologéticas tegumentares de Xão Světŭ Adudua

agradecimentos e promissórias

É normal. A digamos 'publicação' digital de um nem-livro, mas PDF, de poesias, é o ritual de passagem de todo escritor fracassado. Alguns publicam os primeiros textos assim, como quem se insere no mercado de arte com desenhos imantados à geladeira. Alguns acham que ao serem laureados com uma impressão offset seus PDFs o deixem de ser: alguns os imprimem em casa mesmo ou em coletivos; alguns acham isso tudo muito lindo. O desleixo vende, às vezes, ou, à maior delas, demonstra humildade. Há-de-se ser humilde. Tendo publicado na cena independente e fracassado — não tem dois-papos quanto a isso — sinto como responsabilidade de ofício me refastelar nessa chafurda.

Seguido a esse impulso, é natural, quase esperado, um segundo: o de que eu me contextualize. Fracasso como? Sob que métrica? O escritor, então, concorda e gesticula na direção de que *o artista* é o profissional da precariedade estetizada?

Nada. Só atesto pela realidade da arte e do amor pelos danos irreparáveis que ambos me causaram. Fui punido por essas audácias: quando eu quis ser sublime a gravidade me buscou do marfim que já ruía ao lodo das ruínas e quando quis ser mundano meu afeto colocou meu nome em bocas de culto pra deixar de amar um homem como um homem.

Em *lidocaína sabor laranja* achei que tocaiaria essa experiência pro campo do sabido, que eu ia trazer à tona e ao lume a dissonância central daquele fazer poético e aprender com a experiência artística, como se escrever um livro fosse realmente terapêutico; como se eu acreditasse nessa porcaria. Mas a verdade é: não. Existe esse ônus da verve criativa, o do desperdício.

Há-de-se — recuperando essa estrutura — prefaciar, ainda, que se foda a experiência emocional do poeta. Combinemos. Não se lida com 'sobre isso' ou 'enquanto aquilo' em análises sérias. Todo mundo conheceu todo mundo que escreve, quando se escreve também. Passar fome em economias conciliatórias não é um diferencial artístico quanto um de vendas. Morar em favela também não, não há um filtro pra novos moradores, como vim a descobrir, embora se finja. Desde a publicação do meu último romance fui expulso de casa por homofobia, virei peão de

fábrica, troquei as fábricas em que fui peão, amei e morri em ambos pátios, tô devendo dez mil reais no cartão, perdi cinco quilos, recuperei quatro, perdi o shape, entre outros desastres. Tô maior que nunca e tento virar gari, mas é difícil, complicado.

Curadores amam a vulnerabilidade social de viadões bonitos, amam a narrativa de pertença-ao-povo que um trabalho honesto engendra num verbete do Itaú Cultural, amam um sofrimento burguês e uma história de ascensão pequeno-isso. Se eu morrer, mártir. Sobrevivendo: herói. Sobretudo, curadores amam garis; uma pena os garis preferirem a si mesmos, como atestam uma centena de poemas sobre preterimento afeminado e hipermasculinidade negra.

O público de arte parecia amar experimentações quanto ao tema de mães narcisistas, hoje já parece *passé*. Peço perdão pelo atraso. Agradeço à minha figura materna adotiva por me ter aliviado de si mesma; já pesava, era feio, era um fardo, é uma velha, eu só tinha dó. Não conheço o homem que a ajudou a colocar o que decidiram ser minhas coisas em sacolas de lixo, do contrário o agradeceria.

Agradeço ao Lucas, meu advogado, por lembrar a todos os envolvidos quanto à seriedade do crime, como por vezes demais me deixei esquecer. Agradeço à Isabella e ao Escritório pela base em que tal lembrança se erigiu.

Agradeço à minha madrinha, que me acolheu, por ser verdadeiramente mãe e me ensinar essa diferença. Agradeço à Jenyffer pela chance tardia de ter uma irmã e descobrir ambos o conforto e o desconforto de não me sentir sozinho.

Agradeço aos amigos de longa data, aos novos amigos e aos outros órfãos que conheci nos grupos de apoio que clandestinamente montamos pra satirizar nossas faltas; me repetiria ao nomear. Quem tava, tava. Quem me soltou tá sozinho.

O resto é entulho, o grosso dos versos é entulho, e o que sobra deles talvez invejaria algum Cazuza. Só proíbo ONGs em meu nome. Há-de-se criar alguma lei contra isso.

PARTE I - rosários discursivos e terços completos de líricas sentimentais e mortes de cachorro

no-borso mais que Barsa

Billy Dog, um bom garoto, não menos que dez vezes
desenhou suas crenças no decálogo da dessabença
párea das dos-outros desilusões, cultivou bem as suas
compôs, capaz que sempre foi, o próprio esfumaçado
poète maudit — tá ligado? — numa boemia de redomas
fulguroso floripôndio, frondado das iras nele rasteladas
foi cego sob o desalmado lume das lâmpadas de klieg
não que o cresse, não que não se tivesse acrescido ser
também, um bom rapaz; fez feitos, fez roda ao *populus*
comeu do seu prato nas produções típicas a essa sina
pra, logo depois, sim, é vero, limpar o palato na *Palatina*
arauto que é da lira divina, elzeviriano como traça-prata
cor-de-platina, como o é também o platonismo plotino
que da troça que laça é tão assaz canalha desabalizado
se lho dizem *playba*, mas é falso, tão-somente felizardo
dum bom-aparo do papai, semiparente dessa USP toda
embora, aparentemente, tenha sofrido, ou finge bonito
que 'o terceiro mundo' seja tanto quanto um bom título
'ai, que frio, Brasil', quando, *Pfeilstorch* reverso, Europa
ele *nhém* que *niege* sobre a erva-doce porque em Níjar
e se lho dizem *playba,* revez, chega que chama o choro
da força-da-massa, respeitável-público, com sua *playbill*
ao berço do braço, em tempos diz: magnífico espetáculo
quando dum martírio ou dois despontam figuras aladas
ou quando ao gravar contribuições de gravidade grácil
sente o extremado peso de quem padece sem fundos
ou poupança, mas cumprimenta o porteiro, *ô calvário*
na morte ameaçada de um deles, até pensa proletário:
'tá, mas só faz lá fora pra ajudar aquele tio terceirizado.

tentei imitar, chorando, o brilho baço do seu microdermal

e no seu sorriso tenuiflorado
nas pastilhas, anilhas, aparelho
julgo, penso, juro ser normal
cotejo e te vejo como espelho
alugo, seu, meu amor renovado

segunda, quarta e sexta

a morte me beija com viço de ponta de *fiacca*
durmo a tarde pelo dia, durmo o dia pela noite
e pela hora afoita, que seria quando compensa
penso demais contra qualquer contentamento

aí já não tenho mais sono, inexistir não é viável
a não ser, quer dizer, assim penso, logo resisto

não incomum escorchar essa visão do subúrbio
calçadas cheias, tudo o mesmo carnaval garrido

vou retirando o lixo por entre o licor do chorume
amarro sacolas como amarrasse a mim mesmo
me embala o nada através de mais um sereno
tranquilamente aquieto essa faca sem gume

camisa da seleção

porque o desejo é um fisiocrata
meu estômago não é mais meu
quando seus lábios invadem
os músculos da minha boca
e eu sorrio

a valsa que toca é etérea
embora o eterno não faça
nunca, muito o meu feitio

com o retardatário da falta
a me marcar tiros livres
na demora de nos ganhar
como time da casa

paixão proletária e questão trabalhista

quando o último ladrar madrugueiro
não mais convidar o canto dos galos
pelo mundo que a nós abandonado
morda fora essa miséria nos lábios
me sugue de mim entre bile e libido
esvaziando ouro líquido do alveário
em tudo que de mim ainda não lido
me roube o fôlego desses suspiros
pra que não possa mais sussurrar
sabotagens por tamanho apoio pio
à verborreia lírica desse indigerível
ao gosto do fel e o ferro e a ruína
na lata onde coleto os transeuntes
sem dar campana dos meus soldos
mate no peito a indisputável peleja
e desabe peso sobre meus pesares
no regaço de rio que rindo fizemos
do 'hermético' e 'nefasto' e 'inefável'
sangue que não sangue só pergunta
não nos amanheça mais ao esgarço
dos meus indistintos dias de labuta
e não mais me convença te imploro
que as grandes causas que minhas
pra além de avançar a minha morte
cobrirão os meus custos funerários
nem pra usar linguagem *inter vivos*
mesmo que o maior dos expoentes
não seja imune ao apelo dos apitos
já que a *causa mortis* é *culpa levis*
pois Zéfiro não flana a minha pena
e o brilho não me compra proezas
que sou do pátio fabril a sua paixão

do febril da fome seu maior sintoma
filho de dona-fulana profissão-digna
bem nos moldes do que pede a cena

fauna, flora e funga do Brasil

debulhado em suas pupilas de eclipse solar
plantando papoulas só em substratos de sonho
colhendo frutificações em estercos de galeto
muitos corpos, muito arreto, vindimos, vida

no sobrenadar desse enlace, nosso elã de morte
pendor estrelado dos céus em mandruvás brancos
nos revém o fervor em transcrição paleográfica
pra dentro de nós como labareda que se respira

no senão berço da ilustração botânica acamados
horas e horas no acervo da Biblioteca Nacional
dessalinizo à língua a aquarela dos seus poros
e as nervuras que reparo em frêmitos de doçura

abichamos as parreiras baixas, sumos do chão
já deitados de costas pro mundo e pras coisas
a terra ganha de nós em seu suxo veio profundo
sementes plantadas e regadas numa só chuva

que o frio nos cubra com o algente das lápides
e o agente da noite nos ceife em fruto no verão
ainda verão a gente ao longo de muitas alvoradas
no zumbir das *dasypodas* e suas lépidas espaldas

pornochanchada

no intervalo das filmagens
de vestido atado à calcinha
preparando o café na Keurig
percebo a barra limpíssima
por sobre seus pés descalços

'cansamos, amigo?' pergunta
e eu, que de ânimo químico
levo tempo pra te responder
'não, ainda não, seu Kubrick'

quebra de sigilo

enquanto crescem os golpes
de falsos imóveis
como viemos a ser
enquanto crescem os golpes
dos consignados
resignados que somos
a nossos próprios empréstimos

te presto a homenagem
de não nos conceber
em proposta alguma

écloga do agrear de São Paulo

semibodados, belos e benfazejos faunos
bodiados na relva, de cascos descalços
cantando eles mesmos à glosa escolhidas
no *boudoir* das selvas, a Atlântica Silva
ao sabor do estrangeiro que via e errava
as modinhas antigas de pernada estacada
no escachoar da luz pelas muitas treliças

a visão rebuliça tal como água que verte
na nudez peliçada desses anjos sem pluma
dos *aigókeros* aguaceiros de pele chuvosa

aos olhos do homem cujo sangue lavrava
silendo trabalho, trapos às coxas caídos
ao atento olhar do Deus de coisas assim
se deixando menear pela área de *cruising*

polução noturna

dei ao sono as sementes
duma noite bem-dormida
muito-contra o árido dia
de volição desesperada
e importunação profunda

montei, deitado, ditados
acordei com três frases
e de-memória resta uma:
se poesia é mesmo ritmo
expio uma meio às plumas

carne-do-dia

comoriente ao ardor, amante do morno remanso
te tenho no encantado soslaio desses flashes
é que de antes das câmaras haviam os quartos
depois das câmeras também, embora gravados
corrobora das mobílias coadjuvarem nossa lira
a casa toda em seus frondes, aberta à ternura
do sempre-em-brasa, do seu querer manter ali
me falando que se a pressa é inimiga do direito
e a fome é inimiga da refeição, assim é a paixão
dessa galhada a que galardoo o seu maridinho
enquanto ramalhada te encolhe o copo do corpo
como das plantas a que se fecha quando gala
nem ouvindo quando pergunta: tá gostando, tá
minha amada, querida, mãe das minhas crias
entre outras palavras que sequer em paráfrase

mata o pau

o rapazola brejeiro
espaldado à parede
entre sons de água

mostra Attenborough
sua cobra mandrana
em ripostas de couro

na tensão resumida
pela subida mansa
da mão espalmada

a balaclava da pele
cobre todo o brilho
dum olho que chora

à descida ofegante
dos dedos na glande
escorre outra lágrima

nasce túrgido o amor
tal qual florescência
em ponto-de-bala

ao seu público amante
que ao mundo se esfola
numa morte conjunta

não cobrando senão
o segredo-peçonha
dessa cena devassa

tardo-antigo

te gravei em mim o ardor
mas, quando não, meu amor
realmente morre de fome

é-que quando não-meu-amor
quando nem a fome ou a dor
morrem, enquanto tu dormes
em quizilas nos meus braços

da Síria e da Líbia

quando Eros se felou com a minha espada
trazendo do seu sangue ao meu estômago
a mensagem de vida da minha Cleópatra
titubeei: é típico da sevícia esse fenômeno

e foi ela quem disse: me tragam o triumvir
do túmulo em que não morta se esmorecia
toda nossa causa rebel, nosso renovo porvir
a obra à qual me içaram canelado na polia

diante da navegante de areias, mixer de mares
no rebote da morte percebi a leviandade nossa:
a rainha branca em sua torre, coberta dos saques
mesmo a mais ignorada, inda era a mais atinosa

quando a si desfeita em seu desespero fúnebre
dando decoro ao descanso núbio desses sonhos
pedi, sob seu beijo final, proteção à nossa prole
e desfaleci, sobre ela, o enorme peso dos ombros

máquina de fazer horário

em dias de rodagem na um-meia-meia
com a carga cheia no abraço das cordas
de capotagem, as conversas macabras
medrando desníveis e curvas no asfalto

a vida cara se conta em quilômetros
toda distância é desmesura de tempo
também é a falta, marcada num ponto
saudade aferrada, cidade em São Paulo

a família ali largada nem mais espera
ansioso é só ele pela enorme demora
acelerando na ida, passando sem ver
pra poder folgazar um pouco na volta

rasurando a margem de erro da pesagem
de marcha só tem duas, de subir e largar
e pela madrugada as ligações telefônicas
pernoites, as milhas que cobrem pra trás

não é como se não fizesse paragens
nos desvios de trajeto, Brasil traslado
liberdade rebelde regrada em minutos
pra desfrutar seus cafés recém-coados

sobre forros de crochetados esmeros
amores menores, melhores momentos
que não é também como se a estrada
negue vento aos corações de relento

mas, pra frente de si, serpente sinuosa
cada coisa tira da outra a sua calma
o GPS não perdoa, mostrando sempre
o tempo ideal numa cabine fantasma

o mais inoculável dos incunábulos

meu sangue me mastiga entranhado no estômago
na falta de mãos (pressão baixa) deixo dissídios
e caio com a coragem de qualquer outra coisa
que não esse derrotismo de hombridade mansa
no honroso do maduro que me cobra uns quilos
quando disse não me importar com o inoportuno
em quando o 'ter escrito sobre isso' não compra
nem meia, a vergonha de me carniçar nesse cíclico
sabendo que (e nisso em muito solícito suplício)
não é fraqueza nenhuma não ser tão fraco assim
quando força seria amar muito ao pesar do início

(penso nisso por horas, se, agônico
o arrependimento me convulsiona)
tem nem mais abraço pra chacota
o artista é a calçada de limpar sola
é a sarjeta onde o caldo descansa
remanso e imensa desgovernança
em que o desatinado revir desola
mesmo a mais boiola esperança

e impulsionar a minha arte
narrando minhas desgraças
é pior que nada, enquanto
me emagrece massa magra
a lembrança do seu braço
tensionando aquela sala

rixa amoris

[...] que a inveja não ponha o olho de agouro
no assombro de uma tal soma [...]
CATULO 5, trad. Haroldo de Campos

embora eu pareça livre
daquela parte que cê disse
entre papos de nós juntos

à parte que dissessem coisas
e dessas coisas tudo
que mil verdades já suas

aparte termos partido
ainda me parte ao meio
me chamarem parça
eu andando na rua

logo após perder tudo
tu sem parcela de culpa
nos parabolando a par
de que eu seria feliz

parasse tu as paranoias
de páreas e nossos pais
e essas tantas ladainhas
de perdas futuras

a décima terceira, da esquerda pra direita, viúva do Chorão

chove no espelhado da sacada
nada não, toda-hora, emoção
o adeus de Deus foi por agora
e o sol me derrama na enseada

esse país nem é mais pra mim
rompi com o Brasil, faço malas
deixo limpinho, espicho toalha
o Galeão nem é longe da Baixada

pra enfim ganhar 3 gramas
em nome da rapaziada
e sua infindável, notívaga
rapsódica ser-e-nada

PARTE II - notas-de-aula quanto à temática das putas do cais

poeta

se eu fosse eu era

vulgaridade da amargura

se invejo da política armamentista
a inconvalescença das flamas
é que a explosão direcionada
que meu pavio clama, salvaria

monturo, no bolso um Deus cada vez mais miúdo

tivesse uma qualquer aqui comigo
contando o privilégio do preço pago
acho que tudo se acabava por isso
dava tudo por feito, me tinha apertado

conselhos de brinde, amizades, centavos, meu pix

tamanha perda seria, certo falavam
se me acontecesse cair em girassóis
e pros lençóis o barro desse sarcasmo
à derrapagem de-mão da última cartela

de que convém a verve racionalizante
contra os óbvios-de-bula do desmame
e o extremado esvaziamento que sinto
coisa-química, coisa-química, ecoante
sem 'exangues motivos' nesse mangue

prestigiação

não existe nada disso *de* '*arte*'
de mãe pobre e filha identitária
que não peça nada com um 157
bem emulado na cintura da calça

mesmo que 'sensível' e 'necessária'

não existe nada disso *de* '*arte*'
senão currículos que retornam
com as dívidas a nos espiralar
pelo desespero dos centavos

mesmo que 'potente', 'forte' e 'visceral'

não existe nada disso *de* '*arte*'
periférica-dissidente-marginal
que não nasceu com um 155
no toque ligeiro do estelionato

mesmo no 'encontro de vozes' e 'contato'

não existe nada disso *de* '*arte*'
de qualquer sabor que seja
nascendo por dentro do furo
que fizeram na minha cabeça

Barrabás Barrasbambas (ou currículo de dores)

meridianado mediante a morte
sem causa de todas as coisas
entre as tantas lidas e fiéis atridas
e entojadas egrégoras sensíveis
diante coletivos de colegas *artistas*
se alimentando dessa poesia cíclica

nas tantálicas liras dos *nossos cantos*
ainda não encontro como me encantar
de leseira, ao vazio dos seus tomos
e os mantras hipnóticos do seus tão
desconfio difíceis, feitos *centrados*

crianças num jogral te dão um caldo

não senão uma jarda de linho

toleima é o meu mando
sem um vento nas velas
pra sofraldar meu intento
entre armadilhas de medo
tramando suas peças
mormente toando alheio
num oceano rebanho

que ao menos teime a pena
produzir coisas de brio
quando o que se pede
são folgosas festas
de tristezas de artista
e solidões mareadas
de selfies nas praias
onde cedo cadência
à preguiça, comigo
e morro constrito

quando no mezanino
da acoitada enseada
de coisas-nenhumas
mal-catando desterros
nessa fruição ínfima
de garfar arraias:
desponta um pateta

capitão, não é pra mim
que fique a quem 'afetos'
e tem o nome na lista
e desalentos solavados
em refrear suas toadas

em cabeças por proar
muito mesmo porque
empolgação é caravela

bujão de gás seco

se é tal qual máquina
que espera o império
assim eu faça

é tal qual máquina
que eu quebro tudo
nessa desgraça

na certeza de sair do certame

e a ausência de negros é mais
ter que se dizer negro quando
negro é o abismo do meu texto

eles sem um coitado na equipe
que segure a áspera buchinha
duma escrita mais de rinha

ao que cês *sim* e eles querem
pra ficar nessa mesma história
de ter licença pra desesporear
até o toco dos nossos calos

se submetendo a senhorinhas
[volte ao topo]

um beijo à nova crítica

se a falta escreve eu não sei
(não de sentimentos, que não fazem)
se passar em vitrines escreve
(simultâneo quero agora e tem em casa)
se ignorar os emails escreve
(invés de escrever contra a falsa cordialidade)
se não dormir direito escreve
(nas muitas madrugadas que vim passando só nisso)
se coisas escrevem eu não sei

ou se todos os anos democráticos
da suadeira pesada dos *meus* pais
mais o dinheiro do Collor que caiu
na *minha* casa que *eu* botei à venda
porque *eu* não tenho mais a grana
precisa pra quitar as *minhas* contas
pra em mais seis meses de aluguel
não ter mais nada nem mesmo isso

escreverem, sinceramente não sei
mas eu escrevo

e escrevo
muito sobre
(não tanto eu quanto gostaria)
minha malícia
nesse nicho

sem-fim encanto do campo elétrico contínuo

à medida em que não sou bobinho
e o vislumbre não é mais uma onda
que de-pronto esquente o meu prato

vou abandonando as monoespaçadas
o mesmo às cursivas e ao guardanapo
aí mais quatro *unfollows*, alcance fraco

não mais fotos desfocadas e São Tomé
também não mais falésias de lombadas
mergulhando *achados* nesse ancho baldio

toco a tela por tempo e trégua da máquina
admiro a incandescência por seu gradeado
e pelo quase espelhado seu rosto me mira

de bandeja, ao giro, produtos perenes
todos comprados-prontos, faz-se-fácil
ainda gelados onde gasto mordidas

na calada da fome aguento e degluto
e acho alguém nessas fotos de banco
com quem curtir meus sachês de chá

entorna, infusão que não aguenta tempo
ouvindo no timer apitar seus dois minutos
a observação anódina '*manchas singelas*'

então me revém o sensível, ressurge o afável
e ditirambos degustados com pipocas doces
ao passo que assino essa minuta de contrato

simples pelo simples, um poema-de-cura
no imenso labor de arrastar acima o dedo
todo potencial de degredo deixa seu ninho

assim, garanto a nossa vitória ao vencimento
inda que com salga a carne continue insossa
e enquanto comunidade eu continue sozinho

Org. Prof. Dr.

fôdasse que cê lambeu buceta, Sarinha
lambe esse seu verso e vê se tem gosto
descansa sob a língua e sente se te vibra
ou se no inchaço de sangue cois'alguma

fôdasse, Colega, que seu cuzim molenga
levou lenha dos três-quartos alviverdes
do fascismo paulista, sequer me fascina
viado tá aí é pra isso, o Pasolini já dizia

e fôdasse ainda mais que eu me proponha
compor minhas cantilenas anticarismáticas
contr'o grosso da moda: literatura engajada
e fôdasse, Dona Cotinha, que a sua vizinha

é da onde surge função alopata pra arte
a clamar curas, comparando ocupacionais
bem da onde, que amainam os amadores
como não fosse profissão a enfermagem

fazer literaturas nunca foi pra todo mundo
como levantar muro nunca foi, como matar
igual não existe meter, de agrado, um rango
(porque tal-e-tal nos domingos de família)
na sua vovozinha, qualquer otário que cozinha

artium et litteraturæ baccalaureus

eu, pra ir na sua casa
passo pelos postigos
fios, tênis amarrados
entre transformadores
da não sua linguagem
na, em altíssima tensão
subestação de energia

eis que cê não se encontra
apesar de muito procurar

porque é no azeite da noite
no viperino das baixas horas
que a sua língua se enrola
em demonstrações dúbias
e cópias de mestre-escola

querendo descoroar vírgulas
e redigir minhas partículas
pro agrado dos mais grandes
orientado pelos mais maiores
à banca dos que não seguram

é sob o solar dos(as) cortes
por entre pertencimentos
nos sitiados de ocupação
de toda aquela louçaria
e sua presença sozinha
pela sua, qual diz nossa
luta de auto-humanização
ainda que na interrogativa

que são eles que dão nota
isso mesmo que não notem
como antes, seus turbantes

com bolsas temerárias
por seleções temáticas
sobre coisas da pista

cê, eriçado pelo dez meritoso
epígrafe, dedicatória aos pais
irado, como imprime o clichê
quando a carteirada não cola
e Pedro II há muito é morto
pra bancar essa escadinha

iriado do prestígio que deles
entrando pelo Schlupfpforte
da nem tão antiga ou mesmo
reformada, por falta de verbas
recém-rizada e feitora reitoria

ser não mais só *um corpo caído*
mas sim gelatina balística

a ver videiras (ouvindo jazz, suponho)

[...] or you jump off a bridge.
Charles Bukowski

pelo amplo vidro do busa, vejo as videiras
humildando outras plantas de caule mole
consumindo, cobrindo as coisas de cordas
escalando sem dó as estruturas mais hirtas
reclamando o total abandonamento diurno
dos prédios tombados, dos paralelepípedos
me concedendo despedidas em acelerada
quando o motô em arranco solta a varinha

nisso vem aquela passada e gasta cantiga
sobre o verde antigo e a cidade e o cinza
também sobre a morte e a rotina e a vida
oba, não se fala outra coisa aqui na linha
'nada como o tédio contra a vida agitada'

rasgo o centro na mesma patifaria *beatnik*
fones-de-ouvido, pertencimento invisível
componho cenas, novos nomes, jornadas
até eu mesmo em meio a isso, ao que vale
e de que cemitérios também coisas vivas
sempre crescendo e sentindo as pazadas
mas me corto nesse carme, não, jogo fora
não é meu, nunca foi, nem nosso, não cabe

e lembrar de amigos que assim, poetas
com quem qualquer coisa mais onerosa
mais que impopular, até antes, era anti
dizendo que o trem é sentir o farfalho
e sangrar no — que papel? — pautado
e normalizar dar moral pros mendigos
como se eu precisasse, e moral nas ruas
como se eu precisasse de moral nas ruas
já que conheço *as ruas* e não me apetece

saindo de-atraso mando pastel pra dentro
e a conversa que nem não precisei puxar
— perguntem ao poeta por que *ele* precisa
com o morador de rua, vai assim, *verbatim:*
aí fera onde é que tu arrumou esse black?

arrumei não, mas ir tentando nos vidros dos bancos
existindo tão e somente em meus pulos magicados
por dentro de toda e qualquer superfície de espelho

apesar de que, certo e válido deve ser o mago
se eu levar a sério, por respeito, o frontispício
mas o cínico em mim bebe o banal da matéria
e vomita em Raul o vazio prensado no estômago

de sentimento amador até o cachorro manco
que vejo-desvendo lamber a costura do bago
sem sequer saber da abolição da carrocinha
quando aos camburões, de ranzinza, perturba
incapaz de se entender perneta senão de pé
a me olhar como quem espera só bondades
e balançando o rabo na espera de petiscos

sentimento até barata na sombra
isso quando não fugindo pro frio
mal-metabolizando os mormaços

sentimento até na três-por-quatro
e esse tantão de lombra que dá
quando na carteirinha estudantil
como se em um barril de carvalho

de sentimento mesmo os déspotas
que desse sentimento se serviram
no que parece ser só tema poético
lavrado imenso nesse quadriênio
quando veio ao tempo ser político

mas o que é que diz, será, se tanto

no sempi-emergencial de amiúdes
nesse 'é necessário' de várias vezes
em dias que qualquer coisa é pacífica

eis a UTI onde é o doente que atende
na, ou serei eu de fato rígido demais
e serão certos os patéticos patotas
contra minha anedonia de remédios

ou o que é que é mais preciso fazer
se é coisa alguma realmente precisa
contra a romantização dos enfermos
e as elegias contra o silenciamento
das poéticas de hipersensibilidade

o que é foda demais porque apesar de vero
sim, se faz crer, se é que de fato acredito
a essência só se pulsa como simplicidade
(desse humanismo como terreno catito)
nos muitos castelos de migalhas erigidos
sem que tal avaliação fosse ou se pudesse
de integridade, de danos, do VPT, do CIMI
(crendo a crítica como forró de indispostos)
no foro privilegiado das faltas que então arte
dos diagnósticos que dei o toque em buscar
na lacuna de 'as pessoas não me entendem'
no 'caótico caos urbano onde não se tocam'
nos morais/banais, comprimido/deprimido
'intenso demais pr'essas falsas seriedades'
'olhos que não se olham, quando, olhando'
vejo em seus versos imagens do primário

'vi os transeuntes não se verem quando viam'
como se a vida fosse uma das viúvas da rotina
'como se no transporte a vida fluísse máquina'
que não seus, melhores, só se piores poderiam
é que suas linhas exalam exaustão criativa, mas
'é preciso amar como se não houvesse saída'

e não buscou, *porque és arte que padeces*
e raleie o cuidado em energia despendida
pelos não de-todo s*ensíveis* que te cercam

os diagnósticos que dei o toque em buscar
já que não me move essa sua comoriência
já que tô tranquilo de me morrer amarrado
a essa comodidade sua, ímpia e soluçosa
porque é, sim, de sofrimento o que trovas
(porque se não for disso não te sobra nada)
sobre sua vida bem-paga, sobre seus corres
em primeira marcha, quando conta direito
terem te julgado por ser mesmo incômodo

de sofrimento meus oitenta a caixa por mês
pra te ouvir flanar por seus antimedicalismos
enquanto se flameja nos meus olhos o sono
porque '*essência*, o *genuíno* e os *encontros*'

cê às três e meia *ante meridiem* numa quarta
na sua puta e óbvia perturbação de doença
quer que eu acredite em sobriedade de alma

ninguém na merda quer ver essa merda
depois duma idade, talvez vinte-e-sete
de quando cê alegoriza suas ideações
com seus pais na berlinda dos termos
das rúbricas miúdas que te soltaram
da última, e não *última* nesse sentido
porque o tutorial do reddit não veio

não mais que um condor que engatinha
urubu que manda elogiar o *chef* do lixo
de joelhinhos pro próprio desperdício
junto aos neurotípicos que te veneram
porque '*diferente*', porque '*delicadinho*'
porque enquanto homem o seu é mole
e, enquanto artista, é muito inofensivo

ou dos aterros até mais bioativos
com sua sofrência cálida e corista
e de sentimento até as máquinas
alimentadas nos datasets largados
e da net toda em nossos passados
de tristeza emulável nos números

se eu ficar a ver videiras uma semana
a mais que for que eu as veja todo dia
também me mato nessa merda, e daí?

— aí tem coisa que eu guardo

porque pr'ocê toda ruindade é pragmática
assim como todo amor é coisa espontânea
nessa lógica de liga: tudo igual, versa-e-viço
e nada vira nada no seu percurso gerativo
porque, ligando os pontos, linha vira talinga
e qualquer transversal é alta se agachado

— não é que eu te deseje algum mal

se eu falo cê vai se defender no universal
no labor poeta que até então não trabalho
arte, floreio, caridade, coisa-mediunidade

— 'Deus no céu' e o diabo no afago

aí outro dia, nas horas de sol ressurgente
nos 'porque isso de inteligência artificial'
solilóquios sobre sua alma incomputável

— eu que te mostrei essas músicas

não entendendo nas manchas dos livros
o desinteresse total da classe operária
sem saber por quê, mistério-do-mundo
a catação e cola de frases aleatórias
vai te obsolescer nos próprios versos

— desculpa o *bait* da abertura

pelo mesmíssimo motivo
que o carro da pamonha
que passou na sua porta
ufanando Minas-memória
por dez-cacete o produto
com curau que era azedo
o bolo fubazento de ruim
com cheiro forte de ovo
não vai passar de novo
pra colher seu reclame

— talvez assim cê entenda

pelo mesmíssimo motivo
que nenhum movimento
costuma se redobrar
pelas suas esquinas

— tão mandando avisar

é que anda ficando
bem insustentável
e que de *amador*
basta o trocadilho

— tão me perguntando, até

pelo mesmíssimo motivo
que apesar de não saber
escansar seus remoques
cê ainda corra da prosa

— talvez assim cê pare

...

— um pouco

...

— ou

Cupressus sempervirens

S. nigra,
calha à uva ser
sempre-verde
quando léxicos
seus cachos

ludere causa ludendi

fascina saber
e se rumoreja
que escrever
mesmo se mal
de *ars poetica*
não mais seja
sem a prática
do MKT digital

as apologéticas tegumentares de Xão Světŭ Adudua; sociólogo e MC, soothsayer & foreseer, PhD em falsas doutrinas, MBA em cordas-bambas, despistador de capitães do mato e mandrake alado, cachorro-belga e ermitão das urbanas pistas, embora muito novo ainda e, da atividade, um dos mais roedores ratos que se tem em vista

rogo perdão pela goiaba verde, pelo desejo estriado
pelas glebas de amor, os meus ruídos de superfície
o trovar violeiro, o ódio imberbe, meu jeito de cria
não, ou quase-como, ou assim pagando pra crítica
como meu costume de inutilizar tantas obras raras
de sebos no Centro, com agulhas velhas de safira
perdão pelo talento que de verdade e as soberbas
pelo incorreto dos usos, por essa verve neologista
porque senão nessa mistura de termos e de gírias
senão nos furos das roupas sou hidalgo, dos finos
não pelas manchas claras, de nascença, sou o povo
e todas as *keywords* e *hashtags* sobre o que eu falo
não são senão a divulgação-científica do que sinto
perdão pelo abstruso das rimas, o pobre dos versos
e pelo teor demófobo das minhas lufadas de lirismo
quando me apego demais num samba do Lupicínio
ou quando arfando noites insones me sento e destilo
pra poder, enfim, dormir os comprimidos que tomei
embalde, em balde, tenha tomado também prejuízo
porque investi todas minhas veranadas nesse isso
de ser artista, de fazer nos limiares, de rasgar estilos
a ver nada que não navios num mar que não carrega
da praia, pro seu bojo, nem os mortos que nele fizera
perdão, então, por amar a arte que me cabe fazer
mas ter o maior nojo que cabe em mim enquanto ser
da lambeção irrestrita sem beira ou qualquer palafita
de feridas que andam chamando, assim, de literatura

portanto tendo escolhido, preferido até, a essa rinha
um desses seis às oito enlatando sardinhas na esteira
e sumir numa morte que, das mortes, a mais facinha
perdão pela presença fugidia, por meu ledo de linhas
tive que apreender isso de ti nas órbitas do lumeeiro
quando cabem bem com meu nome, sem nem forçar
muito, creio eu, todos os inúmeros trocadilhos lunares
de toda a grande carótida do espaço rasgada em leite
e do pendão que ostentas estrelado, que me sustenta
embora seja eu mesmo nas minhas contas, são tantas
que já não sussurro ábaco, tão automáticos os débitos
e em minhas costas o peso de saber ser isso inóspito
mesmo no tempão que leva levantar esse testamento
não me lamento nunca, só falo, ainda recuso sufrágios
perdão por preferir uma bala na cabeça que me meter
calma, nem disse, quando convidado, se me chamam
com esses que tiram de achar serem agentes de saúde
nas cenas que frequentam, muito chocados com não
e esperando que lendo mal minhas piras me ganhem
já que mal os leio e nesse mínimo os invoco dúvidas
como é saber separar da crítica normativa aquela-que
só é morna, mormente me mantenha imovível a isso
perdão pelo sarro que às vezes tiro dos seus refrões
e pelas vezes que nisso magoei seu espírito artista
é verdade, assumo, entendo de fato, entendo e muito
que precise disso pra que não baleie tu a cabeça tua
mas é um nojo, é duma falta, é preguiça pura seu *flow*
e a sua linguagem, os seus anseios, as suas cantigas
e a sua banca de negão sendo mais claro até que eu
que já no limite, perdão por rir de 'nossas potências'
e por aquele *sketch*, o da andorinha enjaulada no ser
e por criticar sua dependência de trocadilhos fáceis
sua humildade solar, o organizado bonito das ideias

perdão por tirar com a cara dos seus amigos de feira
e do 'contexto sensível' de quando muito plangeram
quando quis levar a sério esse lance todo de crítica
perdão pelo *unfollow* nos seus projetos, pelo dejeto
perdão pela inveja ao seu topo de sucesso comercial
alas, o fervor popular inerente à lavagem de dinheiro
por planejarem saraus pra eu não ir, rodas redondas
mesárias disruptivas de vozes potentes microfonadas
pra não ir, e assinatotecas, lava-pés, frases-famosas
a humildade serviçal, o 'todos podem', *american smile*
e universitários curtindo aquele reels do Nego Bispo
indo contra a leviandade pionegra de 'ocupar espaços'
perdão por tirar onda dos templates onde cê se lavra
e de outras páginas no instagram com layout poético
perdão por destroçar os traços distintivos que te são
mesmo que sejam comuns, sejam a moda, mora ainda
nessa ânsia inumana de ser entendível prum público
seus abertos interpretáveis e seus sangrantes contidos
mora ainda na falta de culhão, no querer impressionar
a verve de mostrar seus versos pra-e-de professorinha
quando cabem num card, e até sobra, as suas rimas
nessa falta que não é tão falta quanto é só seu vício
de que pensem a ti, de que resolvam por si contigo
suas faltas sentimentais, seu ainda por se fazer ente
porque é só um desabafo ritmado tudo o que cê posta
e o desafio disso se pendura numa ameaça de morte
e nossa única sorte ser tu nunca passar em medicina
perdão pelas entrevistas negadas e negados negócios
sobre pomadinhas superfaturadas pros necessitados
sobre esse lance todo de afetos que não me cabem
perdão por ter me negado palestrar no Clube Crashaw
porque a mim a poesia significa até menos que nada
contra a insignificância dos a quem ela significa tudo

comendo poeira pra mais desatenta das minhas falas
mesmo que assim eu fique ilhado, como já fico muito
sem reclamar, já que, pra mim, o fel não vale o junto
embora nem a solidão mesma me livre de-todo-o-mal
mal sabendo eu, amém, o quanto me pensam profundo
perdão pelo rapace da minha poética, a turfa do limbo
coisa que só escrevo porque é aquilo que leem rápido
isso se leem o que eu faço, isso quando sequer leem
não tenho mais tempo pra questionar o tempo alheio
e mesmo que o tempo todo que tive foi em arte, largo
porque é tarde que algo me serve, não serve, aí refaço
coisa que escrevo porque é o que se postam nos sites
da divulgação ralentada, no gaveteiro de sonhos pífios
na correriazinha coletiva de mais lirismos sentimentais
porque naqueles textos cê gritou de força, sendo contra
o sem-tempo do mundo, o abafado, o sempre sufocado
dos problemas de interpretação, do domínio do Capital
sem querer notar a dissonância inerente ao texto curto
dos *drops, pills, minis, micros, nanos, reels,* e tudo isso
que alimentando a pequenez do tempo e o dito déficit
daqueles que se comentam contra tudo e não obstante
se deixam apequenar pelo opressivo do tempo liberto
anojentados por qualquer coragem não-performática
porque naqueles textos cê gritou de força, sendo contra
a jornada de trabalho terceiromundista das sete às sete
mas aí, na forma, sua escrita consentir ser comprimida
numa sentada só, no ledo deslize do dedo, no intervalo
reafirmando o acimentado do sistema, apesar teimar
na escrita, gritando *contra*, que faria tudo que possível
que derrubaria mundos, quebraria ciclos, quebrantaria
menos que possível, porque é arte, foi e não fez nada
cê foi e não é nada, ainda, senão entre seus iniciados
mesmo clamando povo e falando de comer aos dedos

pra depois curadorarem sua falta de espírito como fé
pra eu, que maldo tudo isso, porque artista, só te curtir
sem ler até o fim, também, porque um completo porre
porque qualquer porrinha ralentada que se tem por aí
porque todos nós no mesmo marasmo que sempre é
ser artista, ser alguém fazendo nome, cobrando coisas
de quem já chegou lá, de quem com dedos na jugular
deixa viva a coisa, deixa aberta a boca, é, sim, respira
e espera a hora de nos devorar quando o ar do mundo
não for mais forma, e nossos nomes num CCBB além
do que pudemos ir um dia mesmo no gratuito culposo
das passagens, ei, não perca de vista a distância real
de tudo que fomos pra tudo que seremos, um desses
dias, toda falta, até que qualquer coisa te pareça muito
e o muito, por pouco, não te arraste longe da rodinha
porque um poema que se diz poema é só uma frase
perdão pelas palestras que te pediram pra dar, pago
por instituições financeiras, por *startups* de misérias
por todo furo de canoa a se tampar com mestrandos
mas quanto a isso as desculpas deviam ser mais suas
e eu aqui admoestando sua total falta de autoestima
perdão pela autossabotagem, pelos lidos, os silêncios
por também não ter ido no Roda Viva, Café Filosófico
tocar seresta pra intelectualização do culto às figuras
pra não virar boneco-de-ação na mão desses otários
nem fazer figuração pra representatividades figurativas
perdão por sempre questionar seus métodos de leitura
seus percursos gerativos, seus percalços pra filmagem
e o pouco caso que faço da sua prestigiação literária
porque mais que sangue azul, o que é até vergonhoso
sua família tem em azul todos os nomes na *Wikipedia*
perdão por responder 'paixão pra mim é dar a bunda'
quando perguntou se era de paixão que eu escrevia

e terem rido quem ainda vivo entre os ditos *nossos*
sendo isso de paixão o cacoete da sua falta de rumo
isso sendo pauta-bomba pra não nos sindicalizarmos
que paguemos por nossos nomes em antologiazinhas
da tiazinha filha duma grande duma parva, que acha
ser muito ancestrada porque rima, até muito porquê
isso de 'ser sensível' não breca em-nada o sistema
e o problema ser mesmo sermos dóceis por-demais
enquanto ainda teima a vovozinha coberta de rendas
perdão pelo pendor acalorado, pelo chiado de vitrola
o dito hipster, o underground, o ilegível, o empolado
perdão pela Rosinha Valença, pela Claudette Soares
Erlon Chaves, Waltei Branco, Zé Mauro, Ana Mazzotti
e o Skip Mohogany & The Casuals, e a Dianne Mower
e os emails de newsletter das re-releases da Numero
como aquela mais-que-braba da tal DeMonica Flye
4Kast, K-Ball, Dwight Skyes, Trellini, Errol Stubs, & al
e todo o romance italiano ainda anomeado e o medo
em LPs, que o nome que gritem tenha caído na guerra
perdão pelo preço em dólar dos livros nas minhas fotos
o quão pouco que me deixo comprar por essa estética
dando embora todos os lidos, guardando talvez só dois
pra nunca na minha vida tirar foto sequer em estantes
nunca na minha vida vislumbrar com merda em glitter
o perdão que procurei nas letras mesmo por ser letrado
perdão pelas escusas poéticas e os mansinhos toscos
perdão pelas minhas desculpas de pele, meus rasgados
perdão por não saber dividir os meus muitos fracassos
e, por não dividir fracassos, individualizar minha vitória
que ainda há de vir, eu creio, entre minhas muitas CLTs
só em nome dos artistas que se garantem sem carta
e duma arte que se impulsione pra além de amizades
porque nos falta e o nepotismo pegou uma cor na praia

perdão pela falta de brilhinho nos olhos com o alcance
dos meus monturos, do meu trabalho, da minha glosa
é que vim dizendo esses anos todos que sou tudo isso
contra o acuado do eco, a solidão do verdadeiramente
potente nessa caralha, sem me deixar ser acanalhado
pela choradeira declamada, por ocupar todo o espaço
antes reservado à mediocridade branca, *o*, aos rosados
perdão por ter achado, nas tantas vezes, quando discuti
sobre mediocridade branca, no ambiente universitário
que falávamos não só da dimensão dérmica do pleito
mas do viciado do mercado, das estéticas do carteado
do massante falso povo-metafórico que sendo imbecil
precisa de imbecis pra que façam sua arte, quando não
é isso que se vê noutras expressões que de esculacho
só que literatura é esse *ai* do *mea culpa*, do negativo
do alto-coitadismo ilustrado de alienados voluntários
dos que riem por serem vedetes dessa corja de aliados
pouco me importa a essas horas, pouco me faz prensa
tô tranquilo de não precisar almoçar essas merendas
contando uns privilégios no armário da minha cozinha
pra não sair de casa, pra não render arroz em saleiros
canetas tinteiro, bloquinhos, espaçamentos generosos
citações, equivalentes de *comic sans*, agradecimentos
e unboxing de livros novos como se de sacos da Shein
e o magismo da arte, a infantilidade toda condecorada
da mesmíssima arte que até ontem faziam os playbas
e que, por nada, não devia ser feita mais por ninguém
frases gozadas, Bukowski em dia de saudades da cana
reluzindo qualquer coisa que agora anti-hegemônica
embora hegemônica seja essa naturalidade vendável
de produto nichado, e eu não aguento mais essa porra
juro, tô pra batente, tô desistindo dos meus lavrados
só pra não ter que tombar os sorrisos desses tipinhos

a oscilar entre uma forma-outra, entre coisinhas assim
e mi'a ousadia fudida de ter escolhido a arte invés a ti
mesmo não tendo escolhido a arte em hora nenhuma
que avatar de toda e qualquer moda ou muda-de assim
igual mula que descobre hoje o sindicato dos de-carga
e é boa aos pedidos e é saudável lá nos comentários
já que literatura veio mesmo a se tornar o RH das artes
perdão por zuar sua letra, por zuar sua escrita à mão
por tirar a sua caligrafia de giz-de-escola pra otário
elogiando a minha assinatura que diz parecer de rico
achando que eu ligo, achando que eu vou tirar editais
do fato de ser pobre, mas pobre sem estética, ilhado
perguntando por que é que não comissiono desenhos
já que quebro muito mais boletos que quebro tabus
e a resposta é simples, a casca é grossa, acima disso
a fome é morosa em derrubar a tampa do patíbulo
perdão pelo corrido do trabalho de produzir sempre
apesar de que só me leiam eu, e até menos que isso
já que sobram *typos* e outros tipos nos meus textos
perdão por te malhar naquela outra elegia, não essa
e perdão por te perguntar na DM o por que do grego
ou perdão por não perdurar pelas suas longas parleias
se-foda o fio salgado do delgado sensível das lágrimas
se-foda a dádiva do didático e os seus pivetes em casa
e que se foda ocê pivete, principalmente, se aí dentro
batendo as portas oniricadas das casas da memória
onde seus pais, que debateram uma sobrevivência vã
já não te batem mais, mas os vergões não te largam
essa cânfora enjaulada no trauma enquanto desculpa
pra não crescer, não se comprometer, ter essa tattoo
que onde já se viu que o St-Ex. ia um dia querer pegar
o personagem dele pardo e tão-menos na sua pele
onde se viu que tingir o racismo fosse dele um outro

se-foda os sonos injustos da linha da entrevista dela
justiça nunca teve em jogo hora nenhuma nem nunca
branco que faça o que quiser, quem não devia dormir
é a gente, quem precisa, pra quem o sono é morgar,
a gente é que tem que ser público das nossas penas
público-letrado, vítima de farpas, alvo de rechaços
não eles, não o se-tornar-gente dos gentios, nossos
largos é que importam no fim dessa noite lombrosa
não espaços de espacialidades espaciadas doentios
são nossas doenças que devem ser regadas a vinagre
mas nos ninamos e deixamos nos minarem os leques
duma época em que vento era esporro e não brisa
perdão por não achar que literatura é ponta-de-lança
ou não ter aprendido a escrever nos seus de-criativa
perdão por gongar as do ******* que fizeram sucesso
e as do ******* e da *******, nem mesmo se bêbado
amassar palma nehuma pra criatividades limitadas
nem não compartilhar dessa caçada por pertenças
quando esse 'povo' sou eu e humildade não me laça
perdão por desconfiar de quem fala amar ser pobre
perdão pelo não estetizante dos meus muitos nãos
e o quão boy me fez ser o isolamento da depressão
nessa cama que deito, que já manchada sem lençóis
bom, tá bom, vou até levar muito à sério sua crença
de que se eu me dessexualizar eu vendo os livros
quando é muito mais fácil que me queiram os sucos
com isso promessas malditas, muito passar de olhos
como se, no Brasil, o público de arte, quiçá público
fosse criança que precisa ouvir do carro das buzinas
pra saber que o circo chegou na cidade, perdidasso
numa era em que o caminhão de gás já não precisa
mais acordar civis nas manhãs de domingo, e repito
ainda-há que o artista, nesse desemprego enfeitado

bata, baixo-de-sol, às portas da própria prestigiação
não diferentemente d'outros pedintes, não diferente
de vender sacolas de lixo, três por cinco no pacote
louvando muito muitos 'não tenho hoje', que sempre
e aí eu, que, também sem hoje, incumbido do futuro
tendo ainda que ler sobre foco e produtos rentáveis
no app usado pra mostrar, não essas, minhas marcas
perdão por não pegar da tua mão tuas humanizações
facinhas, ainda inumano o desespero com que as dá
ou qualquer um-outro maldito absurdo que cê joga
quente da plantation e manufatura de terminologias
quanto à tal hipersexualização do corpo racializado
ou que-seja, ou não-assim, ou aproximado, esse post
então me dispo do erotismo, desencavalo meu sangue
de todas as esponjas possíveis, me fazendo passível
pra te ouvir, pra *trocar* e pra reumanizar o meu vazio
que não vazio, mas esvaziado, só pra poder te receber
e cê vem e vem com nada, e cê vem e revém anseios
lassos e mal-assegurados pela psicologia mais baça
faltosos, desajambrados, e o meu eu-com-isso é que
no meu tranquilo masturbatório, meu itifálico porém
sossegado, meus negativos não têm o valor-de-hora
que os seus, agora, a girar mais uma chave na porta
querendo muito demais namorar sapiossexualidades
a mim, que não demófobo, mas também não acessível
e que não burrinho o suficiente pra tragar seus fumos
como coisa além de vislumbre por trajes, um fetiche
pela imagem mais que borracha-fraca, foto em maços
perdão, mas não bato palmas pra intento, nem me dou
pra idealizações, minhas ideações já são o bastante
e aí na falta dum psicólogo pago cê vai ter que então
lutar pelos direitos, pelo SUS, suspirando no privado
do seu chorinho, cê vai precisar politizar esse buraco

contra o tempo que eu me dei pra ser útil pra causa
perdão, é foda, essa tirinha do Armandinho me quebra
cê me vem com série de tevê e eu acho imperdoável
cê me vem com filosofia de matriz curricular de curso
na quinta-série, pré-platonizar o não-grego do meu
degredo, conversar sobre mal-estar sem nem tomar
nenhum remédio, varejeiro, tomando minhas tardes
se perguntando por que é que a nossa 'comunidade'
não quer 'compromisso' quando nenhum bofinho quer
comprar pra ele seus estragos, e a noite se revira toda
a manhã amanhece sólida e cê insólito na indisposição
de perceber que toda essa gogozada de sensibilidade
te fez emocionalmente pálido, irreversível-infantilizado
e que essa nojeirada de 'criança interior' não cola hora
nenhuma, nunca, que cê vem com essas pro meu lado
e que é não mais que uma coincidência esses tarados
perdão falar, bagulho esquisito mesmo, eu mesmo que
tive uns traumas tô aqui pra te falar, guarda, que é sinal
e é normal, também, que cê, e tarda, ainda não saiba
perdão por não alçar, quando, em suas críticas sociais
cê pediu contato, só não é B.O. meu te dar um extrato
do quão fraco vem sendo há tempos o nó do seu tear
peço perdão pela pólvora, pela em-polvorosa e o tesão
brilhando cristalino enquanto escorre as minhas pernas
por toda essa tensão irresoluta tencionando os tecidos
sociais, veja, o quão genial é a turgidez daquilo que faz
com que sejamos animais, de novo, amém, aos gritos
quando cê finalmente perceber que não, não seremos
digeridos por falta de espasmos, ou que esse seu lado
da face, frondando lágrimas, não comprará, em ternura
ou tristeza, sua autonomia e toda a sua sede libertária
porque chorar é a prerrogativa de tudo que tem água
e sonhar até cachorro, dormindo, se balança as patas

chorar até meu pau, não por ti, peço perdão adiantado
peço perdão pela verdade que te entrego endurecida
desimportante se é ou não é assim a vida, ira minha
cê não me mata mais essa semana, cê nem encosta
no meu anônimo e desconhecido tive tempo de sobra
tu quis ser líder, tu quis ser arte, tu quis ser *promoter*
quis tudo que queriam que cê quisesse, sem questão
independente do que cê for, o que eu sou é ser mais
Eve já disse, sick to your stomach wishing i wrote your
rhymes, isso nunca foi um bagulho pra pau mandado
tu quis prometer, do nada, um futuro pra nossa cena
pra não nos entregar nada, pra perceber nas sombras
que dever qualquer coisa pra pobre é uma desgraça
a sorte de ser solto é ser mesmo largado nesse mundo
e a solidão não corta problema nenhum mas te corta
e influência nem de signo solar ou do cúspide de-qual
tombará em trombetas o consolidado das minhas leis
a muralha que erigi, e dá voltas, e comporta confortável
o peso do teto sob onde vivo à parte mesmo dos astros
agradeço, perdão, profundamente ao seu nós-por-nós
e seus fogo-nos e os-caraio que cê posta todo puto dia
é isso que anda me segurando, cê tá molhando pólvora
é do nosso povo mesmo o motivo da minha existência
de imaginar o textão no seu insta se eu rolar pra cima
só de imaginar os meus santinhos eu já desamarro nós
de imaginar meus fracassos de livros me sobrevivendo
na mão de bosta, na boca de quem nunca nem me leu
só de sonhar a análise estrutural da minha morte, vivo
mesmo se morresse eu voltava do breu pro seu ouvido
te arrastar, trocar mais sua doença e/ou mediunidade
mas não, nem, tô brincando, ao menos naquela carta
mas se eu te quisesse morto eu te falava essas parada
se eu quisesse seu errado eu te incentivava a continuar

porque literatura não é bem a sua, dá pra ver bem-bom
se eu quisesse qualquer coisa contigo eu tava fudido
nem em vida eu ia querer te acompanhar no seu pudor
então não, nada não, nada não, *nada*; mar calmo é leito
e tu, que eleito a voz gozosa da nossa geração, chora
sem saber dizer, sob risco de que te cortem incentivos
de quais penas são compostas tuas asas de condor

cantigas de mar chão (ou nada não) © 2026 by Luan Michetti is licensed under CC BY 4.0. To view a copy of this license, visit Creative Commons

ABR 2026